

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSARIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23 - 9.º ANDAR - SALA 922

ANO 16 - N.º 115

Rio de Janeiro, Março de 1957

PREÇO: Cr\$ 2,00

Registro SI/P-214 de 8-3-1946

Toda correspondência deve ser enviada para a Avenida Almirante Barroso, n.º 6, sala 1101, endereçada para nosso diretor ou nosso administrador.

A Revolução Húngara!

SOBRE A REVOLUÇÃO HUNGARA IMPORTANTE TESTEMUNHO DE UM VELHO CAMARADA HUNGARO - UM HINO ANARQUISTA FOI O HINO DO LEVANTE.

AÇÃO DIRETA traduz, como juízo imparcial, o artigo publicado na revista DEFENSE DE L'HOMME, n.º 97, de novembro de 56, assinado pelo anarquista húngaro Ferenc Botzer.

O MARTÍRIO DA HUNGRIA

Havia na Hungria profundas tradições libertárias em certas camadas da população.

Nesse país essencialmente agrícola, explodiu, em 1897, a primeira greve camponesa, à qual os deputados, todos eles fazendeiros, replicaram com as famosas leis de 1898, conhecidas pelo nome de leis celeradas. Essa greve fôra dirigida por dois militantes libertários: Estêvão Varkonyi, fundador da Aliança Camponesa e do jornal A Földemüvelô (O Camponês) e Eugênio Schmidt, discípulo de Tolstói.

Um trabalhador agrícola, Sándor Csizmadia, fez intensa propaganda para empenhar na luta os proletários do campo. Nessa época, três mil proprietários possuíam mais de um terço das terras cultiváveis. O conde Esterházy, por exemplo, possuía 520.000 gheiras de terra.

Desde 1894, Sándor Csizmadia foi encarcerado por propaganda anarquista; depois, várias vezes, durante mais de dez anos. Na prisão, escreveu seus "cantos do proletário" (Proletarköltemények) e Na Aurora (Hajnalban) com grande repercussão. Lançou em seguida sua famosa Marselhesa dos trabalhadores que se tornou o hino revolucionário magiar.

Em 1905, Csizmadia fundava a União dos Trabalhadores dos campos que, dois anos depois, ia ter 75.000 membros.

Um amigo de Kropótkin, Erwin Batthyani, contribuiu poderosamente, também, para espalhar as idéias libertárias na Hungria. Proprietário de imensos domínios

na Polônia, repartiu suas terras com os trabalhadores. Editou na cidade de Szombathely, um órgão libertário intitulado Terstverség (fraternidade). Em 1907, fundou, em Budapeste, o hebdomadário Tarsadalmi Forradalom (A revolução social) que viveu, sob diversos títulos, até a catástrofe de 1919.

Em 1917, libertários tomaram a dianteira do movimento de luta contra a guerra. Otto Corvin provocou a revolta dos marítimos de Pola. Prêso, foi substituído por seus amigos Ilona Duchnska e Tivador Lukacs. Presos estes por sua vez, continuou a propaganda com Krausz, Bojtor, Kogan e outros militantes anarquistas. Em 1918, o 6.º regimento de infantaria de Újvidek recusou entrar em forma. Lançaram contra os amotinados um regimento de Bosmianos e o 58.º regimento de infantaria. Refugiados no cemitério, defenderam-se, palmo a palmo, durante três dias. Tiveram finalmente de render-se. Para puni-los, fuzilaram um homem de cada dez escolhidos ao acaso...

Aos 15 de dezembro de 1918, violando o armistício de Vilajust, que garantia a integridade territorial da Hungria, o exército franco-romeno invadia o país. O conde Karolyi, acompanhado do socialista Bokanyi e do delegado dos soldados Czernak, foi ter a Budapeste, ante o general francês Franchet d'Esperey. Queria obter livre passagem do abastecimento para o interior do país e pedia que retirassem as tropas de senegaleses e romenos, que devastavam a Hungria. Desdenhoso, o general Franchet d'Esperey recebeu os delegados sem lhes responder à saudação e, sem uma palavra, lhes entregou o texto do segundo armistício.

Karolyi declarava em vão aos 23 de dezembro: "A Entente deveria aceitar uma paz que exclua qualquer aniquilamento. Espiem os chefes do antigo regime, mas não seja punido o povo que apenas suportou a guerra sem a ter querido".

Por única resposta, aos 12 de

março o general Delobit exigia, em nome da Entente, o estabelecimento de uma zona neutra de 200 quilômetros de largura na Hungria sob pretexto de separar os transilvanos dos magiares.

Está esquecido um tanto o esmagamento da "República dos Conselhos" em 1919, pelos aliados e a feroz repressão seqüente.

Em Csepel, milhares de operários das centúrias sindicais, que se tinham rendido, foram exterminados a Metralhadora. As ordens do general Franchet d'Esperey eram impiedosas. Centenas de milicianos húngaros foram deportados para Marrocos e para a Argélia. Os membros dos conselhos locais foram condenados a galés perpétuas; alguns foram para a Guiana. Em Budapeste, vários milhares de operários e camponeses apanhados de armas na mão foram fuzilados ou enforcados sem julgamento. Em Kecskemet, duzentos civis, homens, mulheres e crianças que não se dispuseram, bem depressa, à voz de um oficial, foram metralhados na rua. Tendo um repórter, socialista, Béla Somogji, delatado esse crime em termos indignados, alguns oficiais o raptaram, cortaram-lhe o nariz e as orelhas, vazaram-lhe os olhos e atiraram-no ao Danúbio.

Nos campos de concentração, trinta mil presos foram apinhados. Avaliou-se em nove mil o número das pessoas enforcadas ou fuziladas.

Otto Corvii foi atrocemente torturado, depois enforcado. Três anarquistas refugiado em Viena tentaram, debalde, uma evasão. Volvidos à Hungria para isso, foram Stassny, Fledmar e Mauthner denunciados à polícia por um tal Csuvara, antigo secretário de Bela Kun em que confiaram.

O estudante Marcel Feldmar morreu na prisão em conseqüência de pancadas e maus tratos infligidos. O professor Stassny foi enforcado. Só Mauthner, condenado a prisão perpétua, pôde evadir-se do cubículo e fugir para o estrangeiro.

A miséria campeou então nos lares húngaros. A Tchecoslováquia, a Sérvia, a Romênia avançaram no queijo. Tiraram à Hungria mais da metade de suas terras de trigo e o terço de suas

(Cont. na pág. 3)

Brandão e Gildo!!!

Depois de falar Brandão, lacrimante e descompassado, apareceu Gildo. Gildo e o insigne Astrogildo Pereira.

Mal me iniciei na militância anarquista, logo se me deparou a figura simpática, maneirada, falta-mansinho de Astrogildo. Dirigia um jornalzinho, não me lembro o nome, e revelava-se anarquista cem por cento. Nas idas e vindas do movimento, chegamos os dois a redigir o Sparacus, que muito influiu, penso eu, na propaganda.

Veio a revolução russa, veio a greve geral, com caráter revolucionário, de 1918. Fomos presos muitos em 18 de novembro e metidos no regimento de cavalaria da rua Frei Caneca.

Menos de um mês depois, eu fui deportado para o Estado de Alagoas onde conheci Otávio Brandão. De uma carta de Astrogildo a recebida, e datada de 29-1-1919, soube eu das peripecias das prisões de muitos camaradas e do andamento do nosso processo, incuiseve o cômico depoimento do Major Reis, nosso muito celebre detentor na rua da Alfândega.

Essa carta findava assim: "Quanto ao mais, o ânimo não se nos abate. Em todos nós pulsa o mesmo entusiasmo, e as convicções como que se nos arraigam mais fundo ainda. O mundo é nosso — e todos os sabres e fadas as grades do sr. Aurelino, no fim de contas, resultam num estimulante poderoso e irrecuável. Cá ira..."

Nesse tempo, início de 1919, Astrogildo, penso, ainda era anarquista e todo o proletariado carioca estava um com os métodos anárquicos de luta. Pelo menos o que me contaram, quando regressar no mes de março de 1919, foi que, ao saberem do meu embarque, mais de dez mil trabalhadores me aguardavam na praça Mauá, num comício monstro. A polícia, para evitar o escândalo da recepção, mandou ordem para o navio só passar a barra alta noite. Essa adesão à nossa obra vi-mo-la com a fundação de "A Voz do Povo", diário anarquista

com redação na Avenida Central, hoje Rio Branco.

O proletariado podia sustentar um diário anarquista no Rio como sustentava "A Plebe" em São Paulo.

Logo, penso eu, aquelas convicções profundamente arraigadas de Astrogildo eram convicções anárquicas. Pobres convicções! O fôgo sagrado da "Voz do Povo", no qual dizia Astrogildo haver gasto varios contos de réis ganhos na loteria, foi morrendo, morrendo e todos fomos notando o depreciamento vertiginoso do diário e dos sindicatos. Nestes, eu era ouvidíssimo, sabia dizer a verdade clara sobre o problema operário e humano, sobretudo não vacilava e eles não vacilavam no emprêgo, cem por cento, da AÇÃO DIRETA.

Pois bem, para o fim do ano, fui sentindo, em certos sindicatos, frieza absoluta, risos de mofo, descaço. Referi a impressão ao nosso velho camarada João Gonçalves e ele me aludiu a Astrogildo, terminando com uma frase que me pareceu duríssima.

Seria possível? Astrogildo renegava o anarquismo? Astrogildo virava casaca e se passava traiçoeiramente para o bolchevismo?

Foi quando falou A Voz do Povo e Astrogildo com outros promoviam um arrebando de donativos para os famintos da Rússia. Todos devem ter ciência, pois o cinema divulgou a tragédia, do que foi essa fome no país dos soviets. Numa reunião promovida por Astrogildo na rua José Maurício (sindicato dos Padeiros se me não falha a memória), Astrogildo visivelmente embaraçado, com meias frases, titubeando, expôs-nos a necessidade de acudir ao povo russo pois seria ajudar a revolução proletária do mundo.

Eu, Gonçalves, Fábio Luz e outros entreolhamo-nos e não demos trégua a Astrogildo demonstrando-lhe que já não nos iludiamos com Lênin, Trótzki e quejandos "revolucionários".

Astrogildo não insistiu. Dias depois, entrando eu no mesmo sítio (Cont. na pág. 3)

RECEBEMOS DO SECRETARIADO INTERCONTINENTAL DA C. N. T. NO EXÍLIO, COM DATA DE 16 DE JANEIRO DE 1957, A SEQUINTE IMPORTANTÍSSIMA CIRCULAR N.º 11.

Estimados companheiros!

De um tempo a esta parte, começam a manifestar-se ontensivamente, na Espanha, sintomas de decomposição do regime e entrada em liça das forças populares.

Já não são apenas os atritos dos elementos da 1.ª Cruzada a chocar-se com as pretensões de sobrevivência e hegemonia. O dissídio se estende a todas as esferas: representações industriais e bancárias, fazendeiros, classes médias, unidades militares e forças armadas, meios universitários, etc. Mas, o foco da iniquitação, as profundas raízes estão nas estranhas do povo, no mundo do trabalho, na juventude espanhola, nas novas promoções obreiras e estudantis.

Todos sentem hoje, na Espanha, que se impõe uma transformação, que a ditadura de Franco e Falange está no ocaso, que é o princípio do fim, curto ou longo seja o caminho por percorrer ainda.

No mês de novembro, o comitê nacional da C. N. T. dizia em um manifesto profusamente espalhado:

"AVIZINHA-SE A HORA DA LIBERTAÇÃO DE ESPANHA, TODOS OS CALCULOS QUE HAJAM PODIDO TER FEITO FRANCO E SEUS CÚMPLICES VÃO FALHAR. O IMPETO DA VAGA POPULAR CRESCE"

Dias depois, nossos companheiros do interior informavam da intensa repressão exercida nos meios da C. N. T. em Catalunha, do que demos nota pública.

Neste momento se trava na capital catalã, com a parede dos bondes em que participa unânime toda a população e com as manifestações estudantis, uma das batalhas de maior significação moral e efetiva.

Reproduzimos, adiante, as notícias que nos vêm chegando, enviadas pelo comitê regional de Catalunha.

Com sua sóbria eloquência, sem frases literárias, o comunicado exprime todo o dramático da situação.

Alguns jornais desta tarde anunciam também com grandes cabeçalhos: "Franco manda reforços da guarda civil para Barcelona, onde manifestações contra ele e a alta dos preços se transforma em agitação política".

Notícias de Espanha

Franco, é claro, como os moscovitas na Hungria, mobiliza seus policiais contra a Catalunha. Quer impôr a ordem draconiana, sufocar o movimento popular.

O estado moral de nossos companheiros transparece no mesmo comunicado que nos dirigem e que reproduzimos.

O comitê regional de Catalunha lançou também vibrante manifesto dirigido aos trabalhadores manuais e intelectuais e à opinião pública.

Companheiros! A luta está empenhada. Terá fases e alternativas diversas, favoráveis umas, contrárias outras. Franco não vai cair dentro de dois dias, porém, como dizem nossos companheiros "seu fim se avizinha". A batalha será ganha no próprio interior.

Todos devemos acompanhar atentos os acontecimentos que se vão desenrolando hoje em Barcelona, na Catalunha; amanhã, em outras partes. E devemos dar agora, mais que nunca, o vivo exemplo de nossa solidariedade aos companheiros de Espanha, em todos os terrenos.

Em contacto permanente com eles, o S. I. vos porá em dia de quanto interessa e suceda e nos comuniquem. Sauda-vos fraternalmente.

O Secretário geral

Esgleas.

Comunicados de última hora aos 17-1-57.

Catalunha 15-1-57.

Companheiros da 1.ª organização do Exílio.

Estimados companheiros. Sómente quatro palavras e estas embargadas pela emoção: O POVO TEM CORRESPONDIDO. Continuamos como ontem. Ninguém toma bondes. Os operários saem das casas com duas horas de antecedência. O que antes eram filas, nas paradas de bondes e ônibus são hoje fileiras de trabalhadores que acorrem ao trabalho andando.

Milhares de trabalhadores circulam por Barcelona em protesto silencioso, mas todos unidos, respirando optimismo.

Ontem, à saída do trabalho comovia ver a chuva a cair em Barcelona e todo o mundo a caminho, embora no centro da capital circulassem bondes sem cessar, mas todos vazios.

Hoje, nada mudou. Tudo na mesma. Não se pode prever o que nos reserva o dia seguinte. Continuamos em nossos postos, prontos a precipitar os acontecimentos se se generalizarem e se apresentar ocasião propícia. As detenções prosseguem. A maioria corresponde a companheiros de nossa organização. Não recuaremos na luta.

Como ontem e como sempre! Viva a C. N. T.!

Confederação Regional do Trabalho de Catalunha, Comitê Regional.

"Chegam-nos notícias de que hoje, na estação de França, chegou um contingente bastante numeroso de guardas civis para reforçar as forças de Barcelona, mas que receberam ordem de voltar para Madrid de onde procediam. O que se deduz é que algum desacôrdo se produz entre os próprios comandos de Barcelona e Madrid, ou que, na capital do Reino não devem ir também as cousas normalmente".

Complemento informativo: "Espanha, 15-1-57. Barcelona passa por momentos graves. No dia 15 toda a população deixou de utilizar-se de transportes urbanos.

O protesto é unânime em desconformidade com a política governamental. O ambiente em todas as esferas é o medo, expressando o repúdio geral ao regime.

Hoje, dia 15, a situação agrava-se. A praça da Universidade apresenta o aspecto de um campo de batalha. A polícia assalta o edificio. Há muitas detenções.

Confia em nós como nós confiamos em vós.

Um forte abraço dos vossos irmãos".

"Barcelona — 14-1-57. Tal qual o digno povo polaco e o heróico povo húngaro ontem, o rebelde povo barcelonês quer hoje demonstrar que, não por soldar mais os (Cont. na pág. 3)

Aos Homens Conscientes

Dirige-se o Movimento Anarquista do Brasil

No momento atual em que os governos assassina, os Estados e os partidos políticos estão desprestigiados totalmente e os povos desejam reformas tranquilizadoras da vida, necessário é que os Movimentos Libertários Anárquicos fixem claramente suas posições, afim de evitar interpretações falsas e firmemente gravar, na consciência das massas, que eles não são meros movimentos de ensino e proselitismo, senão de luta e ação.

A hora presente exige que exponhamos nitidamente nossas táticas e fins.

Dirigimo-nos particularmente aos produtores, à força antagonista dos exploradores privilegiados, a ver se compreendem o problema atual e se organizam em potência capaz de desarticular as artimanhas constantes dos Estados.

Os Movimentos Libertários Anárquicos continuam sendo a antítese real e completa de todos os Estados. Representam o ideal da Revolução Social, isto é, a revolução que, sobre as ruínas da exploração e do privilégio, erguerá uma sociedade igualitária e fraterna.

Seu fim social é, à margem de qualquer Estado, reintegrar o homem nos direitos universalmente reconhecidos e por ele conquistados. Esses direitos lhe permitirão resolver segundo seu raciocínio, pensar segundo seu entendimento, trabalhar na medida de suas forças, intercambiar conforme seus interesses e desenvolver, no amplo torvelinho da vida, a igualdade fundamental de todas as liberdades.

Os Movimentos Libertários Anarquistas denunciam como falso o DIREITO de propriedade, oposto ao equilíbrio social. A propriedade é a fonte de exploração do trabalho humano. É a justificação do Estado. A igualdade, princípio básico de todos os direitos, exige que nada pertença a este ou aquele indivíduo e sim à coletividade.

Todos os homens sensatos aprovam hoje que o Estado não passa de uma descarada combinação de possuidores astutos, aproveitadores, Acetam, ainda, que as religiões que o protegem não passam de mentiras e embustes para explorar a plebe trabalhadora e evitar que esta se revolte.

Os Estados totalitários, nazistas, fascistas ou "comunistas", os mais cínicos impulsionadores da monstruosa força estatal, em detrimento do ser humano, revelaram claramente que o trabalho imposto pelo Estado é pura escravidão, que a ciência fabricada pelo Estado é crime e embrutecimento, que a arte a serviço do Estado são fórmulas sem inspiração, que as religiões aliadas ao Estado são rotinas hipócritas e que a liberdade concedida pelo Estado acaba em cadeias, miséria e fome.

Os Movimentos Libertários Anarquistas lutam por engrandecer e dignificar a vida humana. Apoiados no pro-

gresso, enriquecerão os povos, extinguirão a fome e a nudez, melhorarão as condições de vida, deixando às comunidades humanas a livre determinação de realizar seus fins.

Os Movimentos Libertários Anarquistas vêem duas grandes realidades: primeira, um grande desequilíbrio social na Terra; segundo, a urgente necessidade de corrigi-lo.

Para isso, não há necessidade de Estados, nem Ministérios. Seu programa, antes do mais, agrupará os produtores (TRABALHADORES, entenda-se), não em partidos políticos, só ambiciosos de poder ou mantenedores de uma estrutura social compatível com o capitalismo e o Estado, mas sim, os agremiará a todos, manuais ou intelectuais, dos campos e das cidades, no SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO propugnado pela Associação Internacional dos Trabalhadores (A. I. T.) em sindicalismos como a F. O. R. A. argentina, como a U. S. I. italiana, como a C. N. T. espanhola, búlgara e francesa, como a F. O. R. U. uruguaia, como a C. G. T. portuguesa, etc., etc. Esses sindicalismos estão isentos de preconceitos estatais, políticos; não têm compromissos com os capitalistas; antes, a eles se opõem com o processo específico de AÇÃO DIRETA. Nesses sindicalismos, os trabalhadores assentam sua orientação, regulam seu funcionamento com puras práticas federalistas sem imiscuições políticas nem burocracia sindical. Esses sindicalismos têm por fim a destruição do Estado e o desaparecimento dos salários e das classes. Esses sindicalismos desligam os trabalhadores dos poderes públicos, dos interesses nacionais do capitalismo e do Estado. Esses sindicalismos associam, internacionalmente, todos os trabalhadores na defesa exclusiva dos seus comuns interesses e na instauração de uma sociedade livre, sem patrões nem classes.

Esse sindicalismo, só ele, será capaz de instaurar o Anarquismo para elevar os verdadeiros produtores e melhorar suas condições sociais. Além disso, esse sindicalismo é o ponto de reunião, nos dias de conflito contra o capitalismo, pois nele estão incarnados nossos princípios: Igualdade e Liberdade.

Toda a nossa aspiração social pode-se formular nos seguintes princípios:

1. abolição do Estado e suas leis;
2. estrutura federalista integral nos povos;
3. emancipação de todos os oprimidos;
4. segurança individual realizada pela coletividade;
5. distribuição igualitária de toda a produção e trabalho.
6. tornar funções regulares e livres da sociedade, a cultura e o ensino.

Trabalhadores manuais e intelectuais, despedidos do "Jornal do Brasil", solicitam-nos a publicação da seguinte carta:

"Sr. diretor de AÇÃO DIRETA — Mais uma vez voltamos à vossa presença, e agora por intermédio desta, para que se digna dar publicidade ao conteúdo que a mesma encerra. A entrevista publicada por esse jornal, a respeito da atitude tomada pelo superintendente da empresa do "Jornal do Brasil" contra a quase totalidade dos seus empregados, teve a maior repercussão nos meios intelectuais e na massa operária, não só desta Capital como do interior do país, porque o expurgo realizado pelo ditador-mirim daquele jornal atingiu todos, sem distinção, inclusive velhos profissionais da pena e à respeitável figura de um ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal que empresta o brilho do seu nome e o prestígio de sua personalidade no cabeçalho do jornal.

Como AÇÃO DIRETA (também vítima de inexplicável violência) foi o único jornal que deu agasalho às queixas formuladas pelos prejudicados, a ela nos dirigimos, na certeza de sermos atendidos e para que a opinião pública tome conhecimento, mais completo do que realmente se passa naquela empresa atualmente em tão triste e condenável evidência no que se relaciona ao respeito devido aos trabalhadores e aos direitos humanos.

Como se sabe, pois é público e notório, a empresa do "Jornal do Brasil" é de propriedade, (por enquanto), de uma sra. condessa e de um visconde, títulos estes tão nobres como os que por aí existem, adornando o frontispício de muitos honrados comerciantes desta praça.

Ambos, sogra e genro, fazem questão de aparecerem aos olhos do mundo, como verdadeiros cristãos, esquecendo-se de que são observados e acompanhados atentamente por todos aqueles que, de qualquer maneira, estão ou estiveram intimamente ligados a eles, através de transações comerciais ou prestando serviços profissionais à empresa que, em má hora, lhes caiu do Céu.

Todos estavam à espera dos bons exemplos anunciados, já que ninguém acredita mais em palavras bonitas e buriladas para serem pronunciadas nos momentos oportunos, nos púlpitos e adjacências... Mas ficaram em promessa... Também não se ignora que a fortuna herdada, como todos as fortunas adquiridas na vigência do regime capitalista, foi conseguida através de negócios que, bem analisados, deixariam os seus possuidores em má situação perante a opinião pública, pela dificuldade em provar a sua legitimidade. (O falecido dr Pires do Rio, é que sabia a história toda e a contava aos seus íntimos nos momentos de exaltação que constantemente lhe perturbavam a serenidade. E o "Macaco Elétrico", de "O Jornal", também).

Como cada um "colhe o que planta", procuraremos resumir, o mais possível, a posição em que se encontram os herdeiros da fortuna do conde papalino, para que ambos fiquem bem retratados perante a opinião pública, sem a publicação das fotografias. Podemos informar, com absoluta confiança, que a sra. condessa (no cabeçalho do jornal aparece como homem, e diretor-proprietário) e mais o genro, com as economias anteriormente previstas e fielmente conseguidas, provenientes da redução de salários, das despedidas efetuadas e da retirada de diversas concessões que todos os auxiliares da empresa gozavam, como o seguro em grupo, o imposto sindical, a contribuição para os Institutos de Previdência que a empresa sempre pagou aos seus funcionários, em troca da ínfima remuneração salarial, e a gratificação pró-la-

A Condessa e o "Visconde"

bore, para os redatores e colaboradores, promoveu sucessivas recepções a embaixadores e ministros, bispos, cardeais, monsenhores, reverendos e à Cruzada Tradicionalista Brasileira, com a dupla finalidade de exibir-se rodeada de gente-bem e conseguir alguma condecoração, para substituir a que atualmente possui, concedida ao falecido conde e que se encontra fora de moda. (Vide edições do "Jornal do Brasil", de: 8-2-955, 8-3-955, 29-3-955, 26-4-955, 29-4-955, 6-5-955, 11-5-955, 21-5-955, 23-5-94 e 23-7-955, onde foram publicadas as fotografias das respectivas recepções).

Tanto dinheiro gastou e tanto insistiu que... conseguiu o que ardentemente almejava. E fica muito importante, ostentando a condecoração que o governo do Peru lhe concedeu, com o seguinte diploma: "Al mérito, por serviços distinguidos", sem que alguém saiba los serviços distinguidos que a nobre condessa teria prestado ao... Peru, (governo e povo).

O visconde, nas horas vagas que lhe proporciona o cargo de advogado do Banco do Brasil, (quase todas as horas úteis do dia), além de futuro herdeiro é o superintendente da empresa do "Jornal do Brasil". Tão logo foi nomeado para o cargo que tanto deslustra, por ordem de sua nobre e respeitável sogra e dando provas de sua mentalidade retrógrada e mefistofélica, expulsou das oficinas da empresa vários clientes, (inclusive AÇÃO DIRETA, o boletim do Grande Oriente e outras publicações) que ali vinham executando seus trabalhos e os pagavam religiosamente.

Isto realizado e quando nada mais tinha que fazer contra os que regularmente entregavam o seu dinheiro para a prosperidade da empresa (prosperidade econômica, apenas, por falta de uma COFAP para tabelar os anúncios porque, moralmente, está em decadência acentuada, pois nas páginas do puritano órgão católico - carnavalesco já se publicam páginas com nu artístico, a pretexto de crítica de arte. (Vide edição do dia 24-1-957, página 8) Este ano, é o órgão oficial do Rei Momo, investiu, de lança em riste, qual moderno Don Quixote, (com Sancho Pança e tudo) contra os trabalhadores manuais e intelectuais que ali ganhavam o pão que o diabo amassou, com o suor do seu rosto. Estabeleceu uma verdadeira ditadura em todas as seções da empresa. As linhas telefônicas foram colocadas sob a mais rigorosa censura e todas as conversações, inclusive as mais íntimas, eram ouvidas e gravadas simultaneamente. Como verdadeiro irresponsável, vasculhou tudo quanto era gaveta e armário e, o que é mais grave, com a ausência dos responsáveis, à procura de alguma prova comprometedoras (ou de algum plano Cohen).

Para execução desse trabalho policialesco fazia-se acompanhar de um laçao comunista, fantasiado de papa-hóstiã, que atualmente orienta o suplemento dominical do "Jornal do Brasil", no dizer dos entendidos, o mais indigesto que se edita na Capital da República. Como nada encontrou de comprometedor, o ditador mudou de tática na luta de perseguições contra suas vítimas. Os que não tinham estabilidade na empresa, foram dispensados sumariamente, alguns sem aviso prévio, num flagrante desrespeito à Consolidação das Leis do Trabalho e os que tinham direitos adquiridos, foram transferidos, postos em disponibilidade ou rebaixados de categoria, medida humilhante posta em prática com o firme

7. Criar e propagar os municípios livres.

Os Movimentos Libertários Anarquistas não reconhecem outra soberania que a manifestada federativamente pela coletividade, desde que esta não restrinja as liberdades individuais nem destrua seu fundamento: a igualdade.

Fora do Estado, dentro de normas federativas pode o povo tomar decisões soberanas. Assegurando os direitos, assegura a justiça, segurança da liberdade. Destruirá qualquer tentativa de ditadura, operando firmemente a Revolução Social.

Essas são as bases e aspirações do Anarquismo. Condensam-se em três simples noções: a) abolição da propriedade particular; b) abolição do Estado, aparelho mantenedor e assegurador dessa propriedade particular; c) organização da sociedade em forma federativa, tendente a agrupar povos sem distinção de raças e classes, com perfeita igualdade econômica e social.

Nas sociedades libertárias não há lugar para presidentes, nem ministros, nem banqueiros, nem militares, nem proprietários, grandes ou pequenos, nem juizes, nem policiais, nem dinheiro, nada que lembre a sociedade capitalista de agiotas exploradores.

Por isso, os Movimentos Libertários Anarquistas opõem-se a todo poder administrativo, combaterão todo embuste político, defenderão o trabalhador explorado, braçal ou intelectual.

Os Movimentos Libertários Anarquistas não são apenas escola de idéias ou de propaganda palavrosa. São forças votadas a promover a maior revolução de todos os tempos: a revolução econômica e social decisiva.

Não são utopia como tantos supõem, como propalam os capitalistas brancos e vermelhos e sim a realidade viva, atuante, ofensiva, guiadora de povos nacional e internacionalmente.

Somos, na realidade, a última esperança da humanidade humilhada, oprimida, desesperada.

Somos intransigentes em nossos princípios, processos de luta e finalidade. Entendemos, porém, a luta pragmática, operando onde fôr necessário, na Espanha, na Hungria, em Marrocos, no Oriente Médio, onde quer que haja ameaça à liberdade ou de retorno às ditaduras e onde estas ainda esteja mimplantadas: Rússia, China ou satélites.

O Movimento Anarquista no Brasil, por força das circunstâncias, atua sobretudo neste país, entregue a políticos sem compostura, dirigentes incapazes e uma camarilha de agiotas nacionais e estrangeiros que exploram suas riquezas.

Com esses propósitos, o Movimento Libertário Anarquista do Brasil se dirige a todos os homens conscientes, trabalhadores manuais e intelectuais do país e os conjura a estudar o nosso movimento e, quando convencidos da sua grandeza, nele atuar, colaborando decididamente na sua momentosa obra. De que modo? Veremos!

Rio de Janeiro, fevereiro de 1957

Comissão de Relações ANARQUISTAS

propósito de provocar reações e, assim, rescindir os contratos de trabalho, sem indenização. Conseguiu o sr. visconde eleger-se diretor do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro por mais facilmente tripudiar sobre suas vítimas, pois, na direção do Sindicato, inclui poderosamente para que os despedidos do "Jornal do Brasil" encontrem dificuldades de emprego em outras empresas jornalísticas.

Esquece-se, entretanto, o visconde ditador de que a maioria dos trabalhadores, manuais ou intelectuais, são mais inteligentes do que ele pensa. Se, às vezes, não manifestam imediatamente o seu descontentamento e indignação por uma injustiça contra eles praticada, se recorrem aos seus sindicatos e não encontram o amparo devido, porque os mesmos, controlados e vigiados como estão pela Polícia e pelo Ministério do Trabalho, são de uma inatividade flagrante, ainda mais porque os seus dirigentes se limitam a encaminhar as reclamações aos departamentos jurídicos que, por sua vez, recorrem a desmoralizada Justiça do Trabalho, que aos poucos vai restringindo o direito dos trabalhadores, dando ganho de causa apenas em processos de pequena importância, não apreciando os fatos pelo lado moral, tão ou mais importante que o lado material, os trabalhadores, ofendidos, aguardam o momento oportuno para exigir ou fazer justiça à altura da ofensa recebida.

As medidas postas em prática pelo visconde-ditador na empresa do "Jornal do Brasil" merecem uma condenação formal de todos os homens de sentimentos cristãos e de pensamento livre, para que a paz e o sossego voltem a reinar naquela empresa.

Ainda mais, se levarmos em conta que os atuais detentores da fortuna do ex-conde papalino não estão muito certos de continuar gozando as delícias que a posse dos milhões lhes proporciona. Será esse o motivo dos desmandos que ali se vêm praticando. Corre na Justiça um processo de retribuição da herança, promovido pelos sobreviventes da primeira condessa, que foram postos à margem no inventário respectivo. Já obtiveram ganho de causa num julgamento realizado pela Segunda Turma de ministros do Supremo Tribunal Federal. Não seria de estranhar que, no final de tudo isto, condessa e visconde fossem obrigados a mudar seus métodos de vida, por decisão judicial. Não se esqueçam, entretanto, os dois nobres: "quem semeia ventos colhe tempestades"...

Terminamos por aqui, sr. diretor, a nossa missiva, um pouco extensa, é verdade, mas não podíamos fazer por menos. A indignação de que estamos possuídos e acreditamos que também o estejam os que tomarem conhecimento do que se vem passando naquela empresa jornalística, é tão grande que somente uma missiva como esta podia ser escrita. Ainda não dissemos tudo quanto queríamos, porque, estando fora da empresa, perdemos o contacto com as fontes de informações. O que foi escrito é o que pudemos observar durante o tempo em que lá estivemos trabalhando, o suficiente, entretanto, para que o público e os trabalhadores manuais e intelectuais saibam a quem está entregue a direção e a superintendência do "Jornal do Brasil". Gratos pela publicação, fazemos votos para que AÇÃO DIRETA continue galhardamente na divulgação da luta contra a exploração do homem pelo homem, tão generalizada como se encontra no mundo inteiro e muito particularmente, no Brasil atual, onde padres e comunistas são figuras de primeira grandeza na administração do país".

O Carnaval e a Igreja

«O Escândalo dos Maus Padres»

Por PEDRO BOTELHO JUNIOR

“Bom Carnaval para todos! Divirtam-se à vontade, mas voltem à Igreja”. É o que recomendam os vigários a todos os fiéis ao se aproximarem as festas dedicadas ao Rei Momo, que a Igreja condena de público, mas que padres e filhas de Maria aplaudem intimamente. Vale a pena lembrar, nesta oportunidade, para os que ainda duvidam da obra nefasta e mistificadora do clero, o que eles pregam e o que praticam. Na folhinha que a editora católica “Vozes de Petrópolis” distribui todos os anos, a correspondente a 1957, insere o seguinte: “Aproximando-se os festejos carnavalescos, não é demais lembrar que eles são condenados pela Igreja devido aos excessos, à licenciosidade com que até mesmo alguns católicos praticam nestes 3 dias verdadeiras loucuras. O carnaval é, pode-se dizer, uma festa diabólica, pois que vem do paganismo. Não obstante há cristãos que, esquecendo-se dos seus deveres para com o Senhor, se atiram deliberadamente a estes folguedos. O Igreja não proíbe que seus filhos se entreguem a diversões”.

Como viram, esta classe parasitária que se nutre

bem e pratica toda série de atos sexuais, sem serem castigados, nada produzem de benéfico para a coletividade. A sua nefasta “colaboração” fica reduzida, quase exclusivamente ao embrutecimento das consciências e à desonra das famílias, enchendo o mundo de idiotas e de... filhos de padre. O mais interessante e condenável de tudo isso é que os roupetas, procuram defender-se, mutuamente, como se atos desta natureza tivessem defesa. Frei Boaventura, frequentador de terreiros de macumba, de sessões espíritas, de lojas maçônicas, e de outros lugares mais ou menos suspeitos, para quem só devia cuidar das coisa de sua religião, escrevendo para a folhinha citada, assim se manifesta sobre “O escândalo dos maus padres”:

Acusa-se frequentemente a Igreja, por causa dos maus padres. E que havemos de responder? Contestaremos, dizendo que não há maus padres? Verdade é que muitas vezes está de permeio a calúnia, a mentira e o exagero. Concedemos porém, que há padres que não sabem cumprir retamente o seu dever. A começar com Judas, o traidor, um dos dozes Apóstolos escolhidos por Cristo e a quem os espíritas de Franca (SP) dedicam um centro... Segue daí que todos os Apóstolos eram maus e traidores? Se há maus soldados, maus oficiais, maus juizes, maus advogados, maus médicos, maus pais de família, provará isso que todos os soldados, oficiais, juizes, advogados e médicos são ruins e que é preciso suprimi-los? O padre é homem como todos os outros, com-

posto de corpo e alma, formado de carne e sangue, homem livre e, por isso, capaz de pecar. Nunca Cristo prometeu a impecabilidade aos seus ministros. Mas devemos conceder também que a absoluta maioria do clero é excelente, com uma vida moral a toda a prova, sempre exposta à vista de todos. Pois que qualquer falha do padre aparece logo pelos jornais. Qualquer falta que aos outros mortais se desculpa, no padre é logo um crime imperdoável. Se considerarmos o rigor com que o público acompanha, espia e reprova a vida dos padres, concluímos que são relativamente pouquíssimos os padres indignos. — Frei Boaventura O. F. M.”

Está provado, através a palavra de um frei (que conhece bem o assunto e anda metendo o nariz em toda a parte) que os padres, filhas de Maria e et caterva podem chafudar-se à vontade, nas folias de Momo, com tanto que, na 4.ª feira de cinzas compareçam à Igreja (ou aos lugares reservados dos tempos) para receberem a absolvição de todos os pecados.

Acontece, entretanto, que quando o padre farrista (e confessor), por qualquer motivo (e há muitos), não teve satisfeita a sua concupiscência, vomita baba peçonhenta contra aquela (ou aquele) que não se prestou à satisfação de seus instintos sexuais. E vem a público cartas como a que transcrevemos a seguir:

A CARTA DO PADRE

Revolução Húngara

(Cont. da pág. 1)

terras de centeios, a quase totalidade de suas florestas, os três quartos de suas terras de milho, a metade de suas terras de cevada. Era a justiça da Entente.

Durante a última guerra mundial, a Hungria, colocada na zona de influência hitleriana teve de participar nas operações do Eixo. Tão molemente o fez que o comando alemão teve de retirar grande parte dos húngaros da frente russa e alijá-los nas linhas de comunicação da retaguarda Polaca, acoissados pela Gestapo lograram amiúde alcançar a Hungria, anichados em caminhões militares e disfarçados em militares húngaros. Por vias semelhantes, escaparam muitos judeus dos fornos crematórios de Livorv e Auschwitz.

Entretanto, na Hungria, as destruições foram terríveis. As cidades mudaram de mãos várias vezes. Foram saqueados pelos alemães que sentiam próximo a derrota. Em 1945, em Budapest, não havia casas intactas. Foi nesse momento que impuseram à Hungria um tributo anual de 200 milhões de dólares para pagar à U. R. S. S. mais 30 milhões de dólares por ano à Tchecoslováquia, durante seis anos, e setenta milhões de dólares à Jugoslávia.

Um milhão de soldados russos instalaram-se na Hungria. Suas refeições alimentares eram três vezes mais alevadas que as dos civis húngaros que as tinham de custear. E a missão dessas tropas, flanqueadas de uma multidão de policiais e secretas pagos, era a de exercer pressão constante em todas as roldanas da vida econômica e social desse pequeno país.

As eleições de 7 de novembro de 1945 foram decepcionadoras para os ocupantes. Mal conseguiram os bolcheviteiros um sexto das cadeiras. Porém Moscou iria cedo mostrar que tinha meios

mais eficazes que os ilusórios dados da liberdade eleitoral. O general Spiridov promulgou um ucasse impondo a expulsão dos elementos “reacionários” dos partidos e do governo. Em 1946, um governo “expurgado” decretava a prisão de certo número de personalidades hostis à ditadura bolchevista. Assim foi preso o escritor Ivan Lajoli que fora deportado para o campo de Matthausen por haver escrito um livro intitulado “Porque a Alemanha não pode vencer”.

Em junho de 1946, o presidente Nagy foi a Washmington, a Londres, a Paris, para pedir socorros em favor da Hungria, afundada em horrenda penúria. Esse apelo não foi atendido.

Todavia, uma nota do sr. Bedell Smith, embaixador dos Estados Unidos em Moscou, nota entregue ao sr. Molotov (27 de julho de 1946) assinala que o exército de ocupação requisitara da Hungria, em menos de seis meses, 4 milhões de toneladas de trigo húngaro quando a produção média de ante-guerra não atingia sete milhões de toneladas; que esse exército consumira, também quase totalidade de reservas de carne e os três quartos de matérias graxas; que os Sovietes utilizavam, em seu proveito, só no domínio da indústria pesada, de 80 a 90 % da produção húngara.

Graças a essa nota, a U. R. S. S. deu a entender estar disposta a aliviar o fardo das “reparações” a cargo da Hungria. Na realidade, os Russos continuaram a extorquir a maior parte dos recursos desse infeliz país.

Durante onze anos, a Hungria defrontou a mais negra miséria, agravada por um regime “democrático” que tinha como emblema um porrete e um açamo. Operários, camponeses, intelectuais, todos estavam nas últimas. Produzia-se em toda a parte uma fervura de revolta. Qual máquina superaquecida, tinha-se a impressão de que algo ia estourar. Os sucessos da Polónia deviam provocar a explosão.

Os estudantes de Budapest organizaram um desfile até a praça Petofi onde alguém recitou versos do poeta da sublevação de 1848: “Juremos nunca mais ser escravos”. As manifestações multiplicaram-se, então, em Budapest. A Marselhesa dos Trabalhadores (o hino do anarquista Sandoz Cszmadia) e o hino de Kosuth retimiram na rua. O exército húngaro abandonando os quartéis massacrados ao povo. Centenas de cartazes surgiram de todos os lados com este slogan: “Rusos, idenos!”. A gigantesca estátua de bronze de Stálin, símbolo da mais pavorosa das opressões, foi apeada, espedaçada pela multidão e martelada e barras de ferro. As bandeiras vermelhas, ornadas com a foice e o martelo, que fluviavam nos edifícios, foram reduzidos a tiros pelos manifestantes.

Surpreendidos pela amplitude do levante, o comando soviético fingiu hipocritamente consentir em negociar a evacuação. Durante esse tempo, reforços aproximavam-se da Hungria. Iam chegar os tanques russos para impor “sua democracia”. Ia começar uma espantosa matança. O povo húngaro que não esquecera os estupros, a pilhagem, as violências dos primórdios da ocupação russa, ia bater-se com desesperada coragem. Devia ser esmagado pela volumosa onda dos assassinos.

Tive também a dor de saber da morte de muitos amigos libertários, caídos nessa luta desigual. Miserio velho que sem dúvida levará brevemente para o túmulo a triste lembrança desses horrores dias, já não me sobra senão a força de gritar meu nojo e meu desprezo a todos os serviços sangrentos da ditadura vermelha.

**SOLIDARIDAD
OBRERA
A VENDA
Largo da Lapa
(Ponto dos Bondes)**

Para Maior Glória de Satanás

Por PEDRO BOTELHO JUNIOR

São Pedro, colabora com Satã, “estragando” as festas religiosas. — Afirmam os entendidos em assuntos religiosos que S. Pedro além de porteiro do Céu é o encarregado do Reservatório do Paraíso Celestial. Por isso, quando os habitantes da Terra querem chuva, apelam para ele, muito embora nem sempre atenda aos pedidos que lhe são feitos. Outras vezes, usando da independência que lhe outorga o cargo que ocupa (pois já tem estabilidade, de acordo com a Consolidação das Leis Trabalhistas, do Padre Eterno), manda chover, torrencialmente, quando ninguém lhe pede nada. Resultado, quem precisa de água, não recebe uma gota sequer e quem não a solicita, morre afogado. (A última enchente de Passa Quatro, em Minas Gerais, o lugar chamado “Cantinho do Céu” foi o mais atingido pela enchente). Mas o que nos interessa no momento e ocupa as nossas atenções é o fato de, toda vez que há necessidade de tempo bom, para festividades religiosas e o Serviço Meteorológico daqui da Terra, concorda com o pedido, S. Pedro, num ato de rebeldia consulta Satã e ambos resolvem mandar chover torrencialmente. Assim aconteceu com a realização do último Congresso Clerical, com a festa de encerramento e, ultimamente com o “Presépio de Belém”, ao vivo, que o “Correio da Manhã”, desta Capital, queria representar, simbolicamente, com artistas desta Capital, no dia 24-12-56. Acabou sendo transferido para outra oportunidade, portanto fora da época anunciada.

Decididamente, S. Pedro passou-se para as hostes rebeldes e ficou inteiramente do contra, como sinal de protesto contra o I. A. P. I. ou I. A. P. C. do Céu que não lhe querem conceder a aposentadoria (por velhice) solicitada. E Satã, agradece a colaboração espontânea de S. Pedro, permitindo que as chuvas caídas em momentos tão oportunos ajudem a arrefacer o entusiasmo e a crença dos que ainda acreditam nos mistérios se milagres de Paraíso Celestial.

MEMÓRIA DO PADRE ETERNO Sim, senhor. “O Padre Eterno”, como qualquer literatoide, também escreveu suas memórias. O coordenador de tão precioso livro é Caimi, festejado escritor francês, autor de outros livros não menos interessantes. Querendo fazer humorismo com coisas sérias, disse muitas verdades acerca da Criação do Mundo e suas conseqüências. Por exemplo, o trecho a seguir, que está inserto, logo no primeiro capítulo das “Memórias” é de uma ironia sem par e uma grande verdade. Leia-o: “Que importa que Ele tenha tido ou não um começo? O mais terrível para nós é que não terá nunca um fim! Porque em suma, desde que nos criou e nos pôs no mundo, esse pretense Deus da bondade tem sempre deixado vencer o mal, reinar o vício e sobre o nosso pobre globo de catástrofes das mais variadas. Esse Deus que tem a pretensão de se fazer adorar tem-nos massacrado o crânio desde os mais recusados tempos. Pretende ser o Deus dos pobres e só protege os ricos; declara ser o Cordeiro da Paz e se revela Deus dos Exércitos, permitindo aos homens os ignóbeis morticínios da

guerras! Ah! Se Ele pudesse ter um fim, a humanidade poderia talvez conhecer a verdadeira felicidade” Satã não falaria melhor que esse satânico Caimi: “Se houvesse um Deus, não permitiria que acontecessem coisas assim”.

PALHAÇADA RELIGIOSA. Em Barcelona, Espanha, celebra-se anualmente uma festa religiosa que data dos primeiros dias de invasão da Igreja naquêle país, vítima secular da Inquisição clerical. Todos os anos no mosteiro da Virgem de Montserrat, realiza-se a escolha de um bispo-mirim selecionado entre os coroinhas que mais se distinguiram no estudo da religião. Para representação da pantomina o eleito é investido da mitra, do anel e do báculo, símbolo da autoridade episcopal, feito o que, o pequeno pastor, escreve a sua primeira e única carta pastoral ante a assembléia dos coroinhas. Desta vez, o escolhido, após a palhaçada da investidura e da precissão que o acompanhava, dirigiu-se a um campo de futebol e deu o chute inicial a uma partida que se disputaria entre aficionados do esporte bretão. Já vimos padres dançando o chá-chá-chá, freiras tocando violão e cantando malagenhas e seguidilhas (no cinema). Mas esta do bispo-mirim, comparando a um campo de futebol, fantasiado de bispo, (conforme vimos na fotografia publicada no “Correio da Manhã”, de 24-12-56), para dar início a uma pelada, completa a convicção que temos de há muito formada sobre religião católica: é uma palhaçada, com todos os elementos para oferecer aos fiéis um espetáculo completo. Devemos tomar cuidado, porque por trás da máscara, encerram muita maldade, da qual devemos livrar-nos como de uma moléstia contagiosa. Aqui, no Brasil, temos um exemplo. O bispo-auxiliar do Rio de Janeiro, a pretexo de angariar fundos para a urbanização das favelas, comparecia às festas da gente-hem... ordinária e, no dia seguinte, chorava lágrimas de crocodilo diante dos favelados que tiveram seus barracões destruídos pelo fogo.

SANTO NÃO PRECISA JOIAS NEM PENDURICALHOS. Telegramas procedentes da Itália e publicado na imprensa católica desta Capital, informa que fora roubado o tesouro da Catedral de Gorizia. Para conseguir o seu objetivo, os autores da mudança do tesouro clerical transcuram-se no Templo e no momento oportuno, arrebentaram a fechadura da Sala do Tesouro, apoderando-se, então, de toda a ourivesaria ali existente, de valor inestimável. Como a sabeldoria popular diz, mui acertadamente, que “ladrão que rouba ladrão, merece cem anos de perdão”, os autores da façanha antecipadamente, estavam absolvidos de pena e culpa. Mesmo por que, igreja ou catedral não é lugar para guardar tesouros que não lhe pertencem, pois ao que consta nenhum santo trabalhou para conseguir as jóias que possuíam e também porque santo, por mais santo que seja, não precisa de jóias nem penduricalhos, de ouro e brilhantes de bom quilate. E muito luxo para imagens inexpressivas e desnecessárias, que há muito já deviam ter desaparecido com as igrejas que lhes dão abrigo.

Brandão e Gildo

(Cont. da pág. 1)

cato, vi, reunidos na saleta da entrada, com Astrogildo à cabeceira da mesa, além deste, Brandão, Elias, Diniz e mais outro. Astrogildo falava, como sempre, mansinho. Ao me verem, calaram-se. Foi quando Elias alvitrou: “Gildo, não acha melhor dizer ao Otíicica o que se passa?”

Astrogildo, sem levantar a cabeça de um papel que segurava, respondeu despicentemente: “E... é melhor”!

E Elias, voltando-se para mim, na sua linguagem de ex-embarcaçido, proferiu esta frase expressiva: “Otíicica, nós agora é na exata”!

Nada mais disse porque, compreendendo tudo, retruquei apenas: “Já sei, vocês são bolchevistas”! Eles confirmaram e eu retirei-me.

Compreendi a ação subterrânea de Astrogildo. Ele havia, sem me dizer nada, minado os sindicatos, propagado o vírus da ditadura do proletariado e da férrea disciplina, a exata, de Elias.

Os métodos empregados seriam os constantes das infamíssimas instruções de Trótzki, lidas um dia a mim pelo próprio Astrogildo, ufano de tal mestre.

Astrogildo me emprestou o

Boulettin onde vinham publicadas essas instruções e teve ocasião de lê-las no sindicato da Construção Civil, uma noite em que os irmãos Silva, já lacaios do P. C. fundado por Astrogildo, se faziam, armados de revólver, agentes provocadores da mais acentuada vileza.

A frase de João Gonçalves me veio amiúde à lembrança e certifiquei-me da sua justeza.

Iniciei, então, minha tremenda luta contra o bolchevismo chefiado por Astrogildo; mas este, rarissimamente aparecia. Os tempos correram. Veio Bernardes, a revolução de Isidoro em que os comunistas nada sofreram, ao passo que fomos nós, os anarquistas, quase aniquilados. A luta recomeçou, em péssimas condições para nós, em 1925. Apareceu Prestes como chefe sem rival. Astrogildo não aparecia, não se evidenciava. Que teria havido? Até que um dia estourou a nova estardalhaçada: Astrogildo fora expulso do Partido Comunista por ele fundado.

Só hoje, com os artigos choramingantes do quase expurgado Brandão, atinei com o mistério: **A POLÍTICA DOS QUADROS.**

Astrogildo afundou-se. De mandão passou a mandado, a quase lacaios e como refunfasse a alguma cretina ordem dos de cima,

sargeta com ele, um pontapé bem aplicado no sim senhor!

Bem feito! Astrogildo!

Quando Astrogildo, o Gildo, era homem livre, respeitava a liberdade alheia e aos demais impunha respeito à sua e prezava e defendia suas convicções aparentemente ARRAGADAS, ninguém ousou jamais expulsá-lo de qualquer reunião, sindicato ou federação. Era, antes de tudo, um companheiro. Aspirando ao mando, à disciplina, à política severa de um Partido, não se lembrou de que, outros mais hábeis, o poderiam destronar.

E destronaram-no. Bem feito!

Tempos volvidos, porém, constou que Astrogildo pedira readmissão nas filas militantes do Partido. Aceitavam-no com a condição de escrever ele uma carta onde confessasse seus erros e pedisse perdão.

Um dos momentos mais dolorosos da minha vida foi ler esse documento, de tal humilhação, que não sei como pôde Astrogildo, o anarquista de Spártacus, assiná-lo sem lhe cair a caneta dos dedos envergonhados.

Nem por isso o readmitido bolchevique trepou na árvore já ocupada por outros velhos.

Agora, Astrogildo reaparece com outro documento, outra carta que analisarei no próximo número.

No Paraíso de Salazar

XVI EDGART RODRIGUES

A Concordata com a Santa Sé — No dia 7-5-1940, Salazar assinou a Concordata com a Sta. Sé e o Acôrdo Missionário. O primeiro veio apenas dar foros de legalidade à canalização de milhares de escudos para Roma e o segundo obrigou o governo português a enviar missionários a todos os recantos do mundo afim de impingirem aos incrédulos a infalibilidade do Papa. Esta data sinistra para o povo português foi revestida de discursos e grande festança nos meios católicos. Fêz recordar aos estudiosos a bula de Paulo III em 23-3-1536, criando a Inquisição em Portugal. Em 1940, Salazar como D. João III em 1536, fêz elogios à Sta. Sé para justificar a submissão a que os aludidos acôrds sujeitavam o povo português. Sim o povo, porque é sempre ele a vítima. Vomitou então Salazar estas mentiras, verdadeiro insulto aos livre-pensadores; "A data de 7-5-1940 deve ser encarada por todos nós com valor augusto de restauração espiritual, só possível em povos que rezam ajoelhados". Lembra estas palavras as de D. João III vendo extinguir-se as chamas da primeira fogueira que em Lisboa, devorou seres humanos acusados de "herejes": "Muito contente fiquei, mano e senhor cardeal, do primeiro auto de fé que ordenaste". (O rei falava ao irmão Cardeal D. Henrique, Inquisidor-Mór que se alimentava evangêlicamente mandando nos peitos robustos de Maria da Mota e que hoje daria um bom cabloco mamador para a mamã)...

Fátima, Covil de ladrões e mistificadores — Fátima é o maior invento do século XX. Algum dia Roma proporá para o "Prêmio Nobel" os seus inventores padre D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, principal sócio da empresa da Cova da Iria que acaba de ser agraciado com a nomeação de assistente ao Sólito Pontifício, Benevenuto Ferreira e Abel Ventura do Céu Faria. Foi em Torres Novas que os três últimos planearam o rendoso "conto do vigário:" a constituição da Empresa Fátima S/A. Limitada,

que logo recebeu a aprovação do primeiro, o bispo de Leiria. Como auxiliar trabalhou Manuel da Costa, ou Manuel Lamarosa (conhecido pelos dois nomes), residente em Tomaréis, freguesia de Olival. Este foi o célebre cocheiro que conduziu o carro com os petrechos para fazer subir a jovem de 18 anos ao Céu, graças aos projetores e ao cenário por eles preparados. Este também meteu a mão no fundo do cofre. Mas o mais andaz foi José dos Santos Rito, tesoureiro da empresa que roubou os 3.500 contos (Cêrca de Cr\$ 8.400.000,00) dinheiro a sua guarda que os crentes, ricos e pobres, depositaram na caixa sem fundo de Fátima. Rito está certo. Se padres e bispos roubam ao povo por processos de vigaristas porque o Rito, fiel ao adágio "ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão", não poderia fazê-lo? Apesar da condenação da Epistola de S. Tiago, 5-3 (O vosso ouro e a prata se enferrujaram e a ferrugem deles dará tstemunho contra vós e devorará a vossa carne como um fogo. Ajuntais para vós um tesouro de ira, lá para os dias últimos) Fátima continua sendo a mais rendosa mina de ouro da Igreja Católica. Lá se fizeram fortunas, como a do comerciante Gilberto Fernandes dos Santos, por alcuinho, o "Bicãncara", que contratou o fotógrafo Antônio Campos e três pastorinhos, a quem mandou fotografar de joelhos, junto a uma imagem que colocara em cima da famosa Carrasqueira. Pronto este trabalho, mandou reproduzir milhares (por ele batizadas de imagem de Fátima), que vendeu aos forasteiros que acorriam a ver o lugar da aparição. Graças a esse processo, ou melhor dito, ao tato comercial, o Gilberto enriqueceu e propagou por toda a parte o retrato da Santa. O governo de Salazar protege e auxilia o embuste pois nada se faz sem seu conhecimento. Depois da intensa propaganda do milagre a varejo e por atacado, através do rádio e dos jornais censurados pelos esbirros do coronel Armando

Larcher, a correria de ignorantes, na intenção da ali encontrar alívio para suas dores, foi imensa, mostrando a necessidade de novos cofres que resistissem ao constante tlin-tlin das moedas. Tal é o rendimento do milagre, que a seita planejou o alargamento do famoso recinto e em vez de dois, colocou seis cofres para receber, às mãos cheias, o dinheiro do rico e os últimos tostões do pobre. Onde está Deus que permite tão escabroso negócio em seu nome? E como se multiplicaram os lucros com tão repelente vigarice! Pobre gente que nem povo és. Como te roubam sem que dês por isso! Mas, como realizar o plano do alargamento sem a intromissão do estado? Impossível! Não tardou por isso que a Junta Autónoma de Estradas tomasse a seu cargo as obras de demolição das choupanas que ali perto existiam, visando, ao afastamento dos pobres moradores do lugar, para não comprometer o embuste ante os olhos dos peregrinos estrangeiros. Quem manobrou este golpe foi o 2.º tesoureiro da empresa, Heitor Milton, chefe da irmandade, que ocupa o cargo de 3.º Teltze português. Essa empreitada, demolição e arruamentos, orçou por volta de 1949, na importância de 800 contos; mas, com vários acréscimos previstos depois do trato, passou de 1.000 contos. (Isto na terra onde um servente ganha de 16 a 20\$00 por dia e dá para muita obra). E para livrar de dúvidas construíram-se depois 2 hospitais, quartel de Bombeiros para impedir incêndios cantinas, hotéis, agências dos correios, postos de socorros, o que elevou a despesa em muitas centenas de contos. No ano que findou trabalharam em novas obras de ampliação do monopólio do milagre, 1.200 operários, nos seguintes serviços: Hospital do Santuário, seminário Monfortino, Casa de Retiros do Beato Nuno. Convento Dominicano, Exército Azul, etc. A despesa semanal em salários foi, durante largo tempo, de 150 contos (Mundo Português, Rio, 16-9-56).

Mas, para que tanto hospital, tanto convento, tanto petrecho? Acaso duvidam dos milagres da Santa? Eles têm razão! O bispo de Leiria, 2.º timoneiro da barca de S. Pedro, que em Portugal na-

vega em um mar de lodo, carregada de ouro e o vice-presidente da empresa, está paralisado, há longos anos, e a Santa que tantos milagres tem feito deixa-o ficar retido numa cadeira de rodas, a tomar drogas da farmácia em vez da água de Fátima que tanto se tem exportado para curar doentes no estrangeiro. Já lá vão mais de 50 mil contos, dinheiro gasto na fábrica dos milagres. E quem pagou tudo isso? O Zé Povinho! Uma parte como esmola e a outra parte em forma de descontos, arrancados pelo governo de Salazar (desemprego, etc.) ao mesmo Zé. O Salazar e o Cerejeira são os responsáveis e sustentáculos dessa exploração sistemática, desse audacioso roubo em nome de Deus e da Pátria! Quando despertará esse povo que tanto dorme?

A Estátua do Cristo-Rei e os 20 milhões de Escudos — O Cardeal Cerejeira principiou já a prevenir-se contra o fracasso da concubina da Cova da Iria. Dizem as gazetas: "Foi encerrada ao culto; por ameaçar ruína, a igreja de S. Francisco de Angra do Heroísmo, (Açores)". Milagre! "A Sra. Ana Moreira, de 71 anos, foi colhida por um crucifixo que lhe caiu na cabeça, quando assistia à missa". (Jornal de Notícias, Pôrto). Milagre! "Caiu ontem, um raio sobre a basílica de Fátima danificando a torre e destruindo juntamente o púlpito". (Diário de Notícias, Lisboa, 9-11-1951). Milagre! Em 9-6-1947, um raio atingiu as barracas que guardavam objetos sagrados em Fátima, que só não arderam todas porque os bombeiros acudiram a tempo (Do Livro Fátima de Tomás da Fonseca). Milagre! "No Minho uma precisão da Senhora Fátima foi atacada por forte temporal, sendo destruídos os paramentos religiosos e deitando o povo a fugir". (Jornal de Notícias, Pôrto, 18-5-949). Milagre! "Em Carrizeda de Aniciaes, um raio penetrou na capela da Senhora, incendiando o andar e feriu mais de 30 pessoas". (Jornal de Notícias, Pôrto 6-9-949). Milagre! "Em Valpaços entrou um raio na Igreja Matriz de Sebução e provocou tão terrível incêndio que nem Santa escapou". (Século, Lisboa, 23-10-951).

Ora vendo esses milagres acontecer, sinal de que já não respeitam santos nem igrejas, o 1.º

Tétzel português (Cardeal Cerejeira) achou que precisava preparar uma imagem mais perto do Céu para que Satanás não possa cometer a safadeza de incendiar igrejas e queimar santos e santos com seus raios. E surge então a luminosa idéia de construir, em Lisboa, um Monstro de Cimento Armado com 110 metros de altura, que custará 20 milhões de escudos, a quem puseram o apelido de Cristo-Rei. E para que não fuja à regra dos outros Cristos, ser-lhe-ão infligidos pelos seus vigários: 144 pontapés; 150 punhadas; 102 bofetões; 202 golpes no corpo; 27 arrastões com corda; 5.000 angústias no coração; 72 cuspidelas no rosto; 72 golpes de martelo; 109 suspiros; 6.475 ferimentos; 600.200 lágrimas; 230.000 gotas de sangue. Todo este castigo é aplicado para que o povo melhor se compadeça da desgraça do Cristo de cimento e lhe dê uns níqueis. Essa gigantesca obra que custará 20 milhões de escudos é dupla provocação da Igreja Católica: 1.ª ao povo que vive naqueles palácios de latas velhas e ferrugentas bem junto à residência do Cardeal Cerejeira e noutras localidades do país e 2.ª às ordens de Deus através de seus apóstolos, expressa nos livros sagrados segundo Oséas, (6-9 e 109; Ephen, 5-5) "aquêle que se dirige a uma imagem não faz mais do que consultar um pedaço de pau" (nesse tempo ainda não se faziam santos de cimento).

Se juntarmos os dinheiros gastos com esses embustes monstros (Fátima e Cristo-Rei) a um bilhão e 890 milhões de escudos gastos em armas assassinas por ordem de Salazar, encontramos um bilhão 960 milhões de escudos que dariam para construir 3.300 casas populares de 55 metros quadrados cada uma. Isso não seria muito mais humano. O Cardeal? Não seria muito mais justo o Salazar?

Essa dupla simiesca não o fará, estamos certos. O lema da Igreja Católica é servidão e fome. Salazar é (segundo o afirmara um grupo de católicos portugueses em manifesto distribuído publicamente em 1949) o mais eminente estadista católico do mundo. E nós o afirmamos; por isso mesmo é também o maior tirano português de todos os tempos!

Notícias de Espanha

(Continuação da pág. 1)

elos da cadeia esteja esta mais forte. Disposto, pois, a travar batalha contra um regime de ignominia e sem outros recurso que os meios ao seu alcance, corre, de boca em boca um grito de rebeldia: "BOICOTE AOS SERVIÇOS E ESPETÁCULOS PUBLICOS COMO INÍCIO; DEPOIS, VER-SE-A".

Tudo isso em protesto contra a alta escandalosa dos preços e para conquista da liberdade e direitos.

E' esperançoso contemplar esses grupos de jovens que, cheios de fé, repartem os volantes tomados com avidez pelo povo em geral".

Pode ficar bem assentado na O. N. U., na U. N. E. S. C. O., na U. R. R. S. e nos U. S. A.: a Espanha já está cansada de promessas e privações e com ajuda ou não dessas potentes "casas de comércio" se dispõe, com suas pobres mas temíveis armas, desmascarar esses fiéis parentes do governo do látigo e da força que a oprime".

Catalunha 14-1-57.

Companheiros da Organização do Exílio Estimados Companheiros;

Hoje, em Barcelona, o povo respondeu como, desde muito, não respondia.

Não somente são os companheiros os que se atiraram à rua em protesto mudo, mas eficaz, contra a subida dos preços e contra o governo, senão que todos os trabalhadores unidos acolheram as senhas lançadas e, como um só homem, acudiram ao trabalho a pé.

Ninguém sobe os bondes. Ninguém subiu hoje e ninguém subirá amanhã.

O povo esteve longo tempo aletargado; mas, com o povo não se brinca. Hoje está demonstrando o que é capaz de fazer.

A polícia corre com metralhadoras pelas ruas. A Universidade está isolada pela polícia. Há grande alarde de armamentos. Os JEEPS circulam sem cessar por todos os distritos. Mas, os volantes e as senhas vão de mão em mão e de boca em boca.

Foram apedrejados bondes e táxis. Até uma mulher foi tirada do bonde e desnudada em plena rua.

A polícia não acha pretexto para descarregar sua ira contra o povo, pois o protesto é mudo, sem desordens, menos as imprescindíveis, nascidas de não observarem a senha.

Hoje, isso. Amanhã, mais. Passou-se a voz de que, no domingo, saía todo o povo à rua passeando, mas ninguém freqüentará bares ou cinemas.

Todo o povo, trabalhadores e não trabalhadores, irma-

nados numa só senha: protesto tendente à derrocada de Franco.

Companheiros do exílio. Estes momentos que vivemos na Espanha nos compensam dos momentos amargos que passamos os que lutamos dentro dela. São momentos de alegria, sem pensarmos no perigo que nos ameaça a cada passo, pois vemos que nossas privações, nossos esforços, não são inúteis. O povo segue-nos, anima-nos, ajuda-nos. Se essa ajuda continuar, se o povo for despertado do letargo em que vivia, cedo, muito cedo será nosso o triunfo. Tardara um mes, dois, seis, mas, o final avizinha-se.

Os companheiros são novamente detidos. Nos, os que estamos na rua, talvez esta noite, talvez amanhã, caímos; porém, outros novos companheiros ocuparão nossos postos e continuaremos, os homens da C. N. T., na luta.

Nada tememos, nosso posto esca na vanguarda. Não continuaremos, ate que o ultimo homem caia; ate recomeçar mais uma vez.

Isso não é luta nova. A luta do povo espanhol começou no ano de 1936. Nos a temos mandada viva desde essa data. A C. N. T., através destes vinte anos, tem-se mantido na vanguarda. Muitos de seus membros caíram, fazendo generosa oferta de suas vidas com valor e dignidade. Centenares tem sido acurratados, matutados, espancados, torturados, despedidos de seus trabalhos.

Nos que hoje ocupamos os cargos de responsabilidade em nome de todos os companheiros dizemos aos companheiros do exílio por intermedio do Comité Nacional.

Companheiros do exílio: a luta que começou e há anos na Espanha, hoje está recrudescendo. Em memória dos companheiros caídos, prosseguiremos no combate até o desaparecimento total do regime franquista, de franco e dos veruagos que o apoiam.

Reia liberdade do povo espanhol!

Viva a C. N. T.

Confederação Regional do Trabalho de Catalunha. Comité Regional.

Comunicações de última hora.

Catalunha, 17-1-57.

Organização do exílio.

Estimados companheiros. Saudação!

Continuamos como antes. Prossegue o boicote dos bondes. Hoje amanheceu nevando. A força de vontade do povo é grande. Ninguém toma um bonde.

Estamos tentando que, segunda-feira, acudam os operários ao trabalho nas fábricas, cada qual em seu lugar, mas que não trabalhem. GREVE DE BRAÇOS CAIDOS.

Ao anoitecer, os poucos bondes que circulam, levam, atrás, uma parelha de motoristas com metralhadora no ombro.

E' muito o frio de hoje e o povo não resistirá andando. Mas, boicotaram-se os cinemas, os teatros, os espetá-

culos públicos. De uma e outra forma, demonstramos nossa desconfiança com o regime de Franco.

Continuam as detenções de trabalhadores e estudantes, uns ingressam nos calabouços e outros, a minoria, são postos em liberdade.

A C. N. T. na vanguarda da luta sem um desmaio, sem uma vacuação.

Tudo pela liberdade do povo espanhol.

Esperamos mandar-vos informações mais completas. Também, mais pormenores do ocorrido com os estudantes na Universidade.

Enviamos relação incompleta dos detidos.

Saudação fraternal.

Confederação Regional do Trabalho de Catalunha. Comité Regional.

Andaluzia, 18 de janeiro de 1957.

Companheiros do exílio.

Os estudantes se manifestam. Brutal repressão.

Apoiamos o movimento de protesto. Saudações.

R. A.

Aragão, — 16 de janeiro de 1957.

Companheiros exilados da C. N. T. e do M. L.

Ao corrente do de Catalunha.

Em contacto com o C. N.

Estamos na expectativa.

Saudações fraternas.

Comité regional.

Toulouse, 19 de janeiro de 1957.

As comissões de relações de núcleo.

Estimados companheiros.

Ampliando as notícias que se vinham da Espanha, em nossa circular 11, damos-vos agora informações recém-chegadas.

Os movimentos de protesto têm tendência a generalizar-se. Embora, de momento, não se consiga derrocá-lo de um golpe, todas essas ações contribuem a debilitar o regime.

Atentos ao que se vai produzindo no Interior devemos continuar apoiando, ao máximo, nossos companheiros.

As detenções de companheiros nossos são numerosas. Não damos, desde já nomes, por motivos compreensíveis.

O moral de nossos companheiros do Interior é excelente.

Pelo S. I. Secretário de Coordenação

F. Estallo.

O secretário geral

Esgleas.